

## A ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA

Flávia Camargo Toni\*

O ante-projeto da Enciclopédia Brasileira é um estudo feito por Mário de Andrade quando funcionário do Ministério de Educação e Saúde, na gestão de Gustavo Capanema. Submetido ao cotidiano de uma repartição pública, trabalha no Rio de Janeiro, em 1939, no Instituto Nacional do Livro, como subordinado de Augusto Meyer, diretor da entidade.

Ao encomendar o ante-projeto, Meyer apostava na intimidade de Mário com a lexicografia. Na troca de cartas, dele soubera, em 1930, que progredia o trabalho voltado para um *Dicionário musical brasileiro* e que existia o projeto de uma *Gramatiquinha da fala brasileira*.<sup>1</sup> Paralelamente a isso, todos os amigos sabiam que a enorme biblioteca do escritor estava sendo indexada por ele, recolhendo assuntos para fazer um *Fichário Analítico*.

Esse *Fichário Analítico* mostra-se como a reunião de milhares de fichas ordenadas alfabeticamente, divididas por assuntos em dez grandes temas, acolhendo livros, revistas, artigos de jornais, manuscritos e documentação vária, papéis recortados e dobrados dentro de envelopes, bem como verbetes redigidos pelo compilador. É ali que o multiMário

\* Pesquisadora na Área de Música do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

<sup>1</sup> FERNANDES, Lygia. *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor (1968), p. 76. (Carta de junho de 1930).

armazena seu amparo bibliográfico como professor do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, como crítico e historiador, e em todas as atividades que lhe requerem pesquisa prévia ou fundamentação. O *Fichário* faz as vezes de um Índice, volume primeiro em uma enciclopédia exclusiva e particular, reunindo autores e assuntos selecionados, lidos, fichados, remetendo aos livros com notas à margem, destacando pontos de interesse ou discórdia.<sup>2</sup> O *Fichário* bifurca-se na vasta e substancial margem, quando as fichas se vinculam a obras presentes na biblioteca de Mário, obras em cuja margem multiplicam-se chamadas e anotações.

Como o *Dicionário musical brasileiro* de 1924, é a monumental obra de referência musicológica, *Na pancada do ganzá*, planejada para ser uma enciclopédia de cantar nortista e nordestino. Concluída postumamente por Oneyda Alavarenga, que desmembrou o material em seis volumes, cujo núcleo publicado tornou-se as *Danças Dramáticas do Brasil*, a *Pancada* fora planejada não só como um compêndio de música popular, mas, seguindo os passos do *Ensaio sobre música brasileira*, como fonte para nossos compositores eruditos.

Também na *Enciclopédia Brasileira*, mais uma vez cresce ante nossos olhos o compromisso do intelectual que se preocupa com o melhoramento e a instrução do homem do povo brasileiro. Talvez Augusto Meyer tenha intuído este compromisso de Mário de Andrade ao lhe encomendar o projeto.

De fato, o trabalho que o escritor paulista entrega ao Instituto Nacional do Livro é um texto técnico onde analisa, disciplinadamente e com rigor metodológico, questões que até ali lhe eram pouco familiares. Isto porque Mário nunca havia se preocupado com as formas canônicas de compendiar verbetes, já que seu dicionário musical possuía arranjo lexicográfico sui generis. Em geral sua obra musicológica marca a preocupação de resgatar e/ou registrar nosso populário, ao invés de recensear o saber erudito.

Apesar disto, este enciclopedista brasileiro não busca inspiração no ideal dos pensadores reunidos em torno da *Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des arts et des métiers* do séc. XVIII, embora haja analogias entre as propostas. O desejo de “iluminar” a mente dos homens,

<sup>2</sup> Cf. Catálogo da Série, por Vera Lúcia Natale, em projeto de Telê Porto Ancona Lopez e Flávia Camargo Toni, financiado pelo CNPq, 1991/1992.

ordenando-a e revelando os mecanismos de aquisição do saber, é expresso com clareza no ante-projeto de 1939. Paralelamente, uma coincidência aproxima e reforça a semelhança de ideais. Diderot, o editor da obra francesa, tomou para ele a incumbência de escrever sobre a história da filosofia, dos ofícios, e sobre os temas recusados pelos colaboradores. Ao redigir, por exemplo, o verbete "Agricultura", "não só instrui pormenorizando sobre o cultivo do solo pelos meios então mais avançados, com sugere habilmente a irracionalidade do velho regime de propriedade", como afirma Jacó Guinsburg.<sup>3</sup>

No plano endereçado a Capanema, no trecho em que explica a concepção do verbete-monografia, Mário de Andrade exemplifica sua proposta:

*Assim, em "Policultura", menos importará o aspecto econômico ou histórico do assunto; antes, a monografia orientará, para as diversas regiões brasileiras, o pequeno agricultor, proprietário de sítios e chácaras.*

O que ocorre, na verdade, é que, tanto para o filósofo francês quanto para Mário de Andrade, o saber pertence à história da humanidade o que, no caso segundo, transforma-se em postulado: o utilitarismo como arma de defesa da sabedoria popular.

Como se sabe, o projeto do Instituto Nacional do Livro não progrediu da forma esperada. Talvez iniciando a execução do plano, ou simplesmente por causa da recomendação de Augusto Meyer, Mário de Andrade vai, em companhia de José Bento Faria Ferraz, seu secretário em São Paulo, à casa de Alarico Silveira, que já colecionava material para uma edição do gênero. De fato, o tomo I Enciclopédia de Alarico Silveira sai em 1958, mas, em nada se assemelha ao modelo proposto ao INL.

O Ante-projeto da Enciclopédia Brasileira recebeu do autor duas versões. É primeiramente o estudo encomendado pelo Instituto Nacional do Livro, seguido de rascunho do ofício competente, enviado ao Ministro Capanema, em 1939. Em uma segunda versão, foi o manuscrito desaparecido (certamente um datiloscrito) que deu base ao texto

<sup>3</sup> GUINSBURG, Jacó. Denis Diderot. *Revista da USP*, São Paulo, Universidade de São Paulo, dez. 89-fev90, 4: 123-146.

“Enciclopédia Brasileira”, publicado n’*O Observador Econômico e Financeiro*, nº 48, em janeiro de 1940, texto em certas partes emendado de forma simples e, em outras, refundido.

No arquivo e na biblioteca de Mário de Andrade, hoje no patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, encontram-se as notas preparatórias, o texto em datiloscrito, cópia carbono da primeira versão, acompanhado do rascunho em autógrafo a tinta do ofício, e o texto impresso, sem rasuras, em um exemplar da revista. As notas, os lembretes e fichamentos ocupam papéis timbrados do Ministério, do próprio INL, ou folhas destacadas de caderneta de bolso; englobam, até mesmo, o opúsculo impresso da propaganda da Enciclopédia Jackson. Estudos mais ou menos detalhados fazem os para-textos da Enciclopédia Brasileira. Os apontamentos, sempre a lápis preto, transpõem com atenção e cuidado os dados mais importantes dos prefácios das enciclopédias Britannica, Italiana, Jackson e Brockhaus. A atenção volta-se sobretudo para as informações a respeito do quadro de colaboradores de cada obra, dos diferentes critérios na distribuição de assuntos, na disposição da bibliografia, bem como na inclusão de nomes estrangeiros.

O desejo de rigor na análise faz com que o enciclopedista nascente estude ainda os diferentes critérios para recenseamento de verbetes referentes a personalidades estrangeiras, comparando o conteúdo dos verbetes dedicados a Carlos Gomes e Renée de França, nas enciclopédias inglesa, alemã e na Jackson.

Logo descobrimos as obras estrangeiras eleitas por Mário de Andrade como parâmetros para a elaboração de uma Enciclopédia Brasileira, escolha que se confirma na leitura do ante-projeto: a Britannica, a Italiana e a Brockhaus. É nelas que ele se apóia para sugerir critérios de composição de sub-títulos para cada verbete, elenco de bibliografia e assuntos, assim como para a constituição das comissões técnicas que assinarão a edição nacional. Mas interessa-lhe, principalmente, o tratamento diferenciado que cada uma destas obras de referências dá aos assuntos por elas recenseados.

Entre os lembretes Mário de Andrade arrola os temas a serem discutidos com a Comissão Técnica. Na folha onde anota a importância de convidar o Maestro Sá Pereira para integrar uma das sub-comissões (“*Sá Pereira e terminologia Musical*”), naquela em que destaca a necessidade de controle de qualidade na redação dos verbetes (“*Necessidade de Corpo Controlador recusar artigos e reencomendá-los a*

*outrem, se ruins ou malfeitos*”), fica claro o compromisso do homem com o seu tempo. Eis um exemplo: “*Verbetes vivos - A Guerra Atual*”.

É necessário salientar que o conjunto de notas, guardado com o exemplar da primeira versão do texto, não se afirma como matéria relevante para uma edição que, simplesmente, deseja assinalar as origens do percurso no manuscrito, para depois perceber as diferenças (variantes) no texto impresso. Os para-textos constituem, pois, testemunhas da instrumentação do estudioso para a redação do plano. Deste modo, a edição de um título não literário recuperará apenas as diferenças entre os dois textos - manuscrito e publicado n’*O Observador* - entendendo o processo de escrita de Mário de Andrade.<sup>4</sup>

Para que se tenha idéia da *Enciclopédia Brasileira*, escolhemos para divulgação dois trechos entre os mais representativos: “*Economia e Cultura*” e “*O Plano Básico*”. Cabe lembrar que a transcrição segue a atualização ortográfica pela norma vigente.

---

<sup>4</sup> Mário de Andrade. *A Enciclopédia Brasileira*. Edição crítica e estudo de Flávia Camargo Toni. S. Paulo: Giordano/Edups (no prelo).

## A ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA

(...)

**ECONOMIA E CULTURA** - As enciclopédias, em qualquer terra e tempo, são fecundos instrumentos de cultura. Mas à medida que o conhecimento humano mais se enriquece, obrigando a especializações cada vez mais limitadas, o valor da cultura das enciclopédias ainda mais se eleva. Para o Brasil a necessidade de uma enciclopédia se torna cada vez mais premente, tanto mais que dentre as grandes línguas vivas, talvez seja o vernáculo a única ainda não dotada de uma enciclopédia excelente. As tentativas já feitas ou se deixaram dominar por um espírito comercial muito ambicioso ou claudicam muito como utilidade cultural.

Uma *Enciclopédia Brasileira*, publicada pelos poderes públicos representará, por certo, um fator utilíssimo de economia privada. Porque, por si mesma, uma boa enciclopédia é toda uma biblioteca. Ora, num país de nível econômico ainda não muito elevado, são pouco numerosos os lares que se podem munir de bibliotecas verdadeiramente representativas do conhecimento geral. Apesar do dispêndio financeiro que representa a construção de uma boa enciclopédia, o poder público não tem as mesmas necessidades de compensação de gastos que uma empresa comercial particular. Desta forma, a *Enciclopédia Brasileira* poderá ser vendida a preço do custo, ou mesmo um pouco inferior, compensando-se o país com o beneficiamento de cultura que ela prestará. O ideal, neste sentido, será construir-se uma ótima enciclopédia e vendê-la por tal menor preço e com tais facilidades de pagamento, que ela possa viver nos lares operários.

**O PLANO BÁSICO** - Para que a *Enciclopédia Brasileira* constitua verdadeiramente uma obra de valor cultural, é fácil de perceber a necessidade de se estabelecer preliminarmente um plano básico, pelo qual o cometimento se oriente. A meu ver, este plano básico, embora nítido e meticuloso, deverá ser suficientemente elástico, para que todos os trabalhos seguintes possam se desenvolver com segurança, mas ao mesmo tempo com aquela necessária liberdade e autonomia, sem as quais nada se faz de fecundo. Uma enciclopédia é monumento de tamanha complexidade, que dotá-la desde logo de uma ossatura rígida e um perfil inflexível só pode dificultar a organização, intimidar os colaboradores e prejudicar, por isso, e de maneira fundamental, sua grandeza e originalidade.

Não há enciclopédia sem defeitos, sendo o primeiro e mais... necessário deles o propósito ambicioso de recensear o conhecimento humano - coisa móvel e de avanço diário. Na orientação criadora de todas as enciclopédias mais notáveis, tais como a *Britânica* e a *Italiana*, para citar apenas duas principalíssimas, essa elasticidade do plano básico está bem consciente, da mesma forma que o espírito de humildade. No caso de uma *Enciclopédia Brasileira*, por muitas partes um criar do nada, se a ambição deve ser muita para que o espírito apaixonado vença a desproporção dos obstáculos, há que exigir do seu plano básico um bom senso prático, direi o mesmo, um senso comum, que não procure superar o insuperável, e se reja humildemente pelas forças e exigências da realidade nacional.

É minha opinião que o plano básico da *Enciclopédia Brasileira* deverá ser determinado por uma comissão de intelectuais brasileiros. A multiplicidade dos problemas a resolver, a responsabilidade de muitos deles, implicam o trabalho coletivo. Limite-me, portanto, aqui a dar algumas opiniões minhas, pessoais, resultantes dos estudos que fiz a respeito no Instituto Nacional do Livro.

Mário de Andrade